

Marta Rossetti Batista

No dia 31 de maio deste ano, faleceu a Professora Marta Rossetti Batista, historiadora da arte, ex-Diretora do IEB e membro da Comissão Editorial da Revista do IEB. Os textos a seguir, em grande parte colhidos e revisados pela Professora Yêdda Dias Lima, lembram diversos aspectos da obra, do perfil e da atuação da pesquisadora, constituindo, assim, muito mais do que uma homenagem.

O legado de Marta

Marcia Camargos¹

Olhos azuis de um acinzentado intenso e penetrante. Gestos discretos, fala mansa, timbre suave. O sorriso fácil antecipa as palavras que pavimentam os intrincados caminhos da elaboração científica. Livre do desgaste da disputa gratuita ou da imposição de um discurso hegemônico, o debate intelectual torna-se mais fecundo e dinâmico. Conflitos fúteis encolhem para ceder lugar à acolhida e ao diálogo, à crítica respeitosa e construtiva. Quem teve Marta como orientadora ou supervisora conheceu de perto o significado dos termos generosidade e doçura, que ela sabia como poucos equilibrar com exigência e rigor acadêmico.

Escrever sobre alguém tão querido e especial, cuja ausência ainda mal começamos a digerir, é um grande desafio. A emoção trai o nexos das idéias e embaralha as letras na tela do computador, mas sua figura ressurge como uma lembrança muito viva que inspira e conduz.

Folheio seu livro sobre Anita Malfatti, em dois volumes cuidadosamente ilustrados. O primeiro, uma preciosa biografia e estudo da produção artística. O segundo, catálogo da obra e documentação. Ambos, fruto de quatro décadas de pesquisa sobre um personagem que Marta Rossetti acompanhou desde sempre. Diz o artigo de uma revista que a espera para sua publicação tem o compasso da trajetória da própria Anita, cujo silêncio este livro persegue. A repórter tem razão apenas em parte. Talvez, por não ter convivido com a autora, ela ignore a faceta perfeccionista de Marta Rossetti. Intransigente, ela não cedia à tentação do pragmatismo para colher resultados imediatos. Paciente como um monge budista, ia desfiando o material coletado e não se dava por satisfeita enquanto não houvesse checado todos os dados, confrontando-os com diversas fontes. Pressa era uma palavra ausente do seu dicionário. O ritmo dela não combinava com nossa época de informações descartáveis e análises superficiais. Por isso os livros de Marta, em geral ligados ao modernismo e seus protagonistas, fixaram-se como referências bibliográficas indispensáveis. O último, lançado menos de um

¹ Pós-doutora pelo IEB e escritora.

ano antes da sua morte, veio para ficar. E traz uma boa notícia, em meio à nossa tristeza: *Anita Malfatti no tempo e no espaço* ganhou o prêmio Jabuti, concedido anualmente pela Câmara Brasileira do Livro. Sua escolha constitui uma justa e merecida homenagem a Marta Rossetti.

Menina da roça

Filha de Jeny Mello e Sérgio Rossetti, de origem italiana, Marta Rossetti incorporou o sobrenome Batista após se casar com Luís Olavo. Nascida em 6 de junho de 1941 na cidade paulista de Limeira, freqüentou o grupo escolar da São Martinho, na Alta Mogiana, cuja história se confunde com a da lavoura cafeeira. Suas raízes mais remotas remetem ao ano de 1865, quando o capitão Gabriel Diniz Junqueira inicia a formação da fazenda Santa Maria em região habitada pelos índios Jês, Tapuias e Caiapós. Ela mudaria de proprietários e de nome até chegar, em 1889, às mãos da família Prado, sendo rebatizada de São Martinho. Conta-se que ultrapassou os 3,5 milhões de pés de café em 1905, suplantada apenas pelo empreendimento agrícola dos pais de Santos Dumont. Nesse mesmo ano, a vila de Pradópolis surgia a partir de um traçado encomendado ao engenheiro Júlio Mazonzi. Para incentivar seu crescimento, um loteamento agrícola, o Capão Grande, foi estabelecido bem próximo do local.

Como solução para a escassez de mão-de-obra, por volta de 1907 as plantações começavam a receber os primeiros imigrantes europeus, sobretudo italianos. A igreja da matriz despontou em 1928 no horizonte dos cafezais, que em torno de 1945 seriam substituídos pela cana-de-açúcar. Criada nesse ambiente rural, entre 1952 e 1959 Marta Rossetti completaria o ensino secundário em cidades do interior, passando por Jaboticabal e Ribeirão Preto, onde se formaria no curso chamado de “Clássico”, em oposição ao “Científico”, dirigido às ciências exatas. Não demoraria a se mudar para a capital do Estado, matriculando-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, ao mesmo tempo em que se inscrevia no curso livre de desenho e pintura na Fundação Armando Álvares Penteado, em 1961. Mas os laços com o meio de origem permaneciam fortes na menina crescida na “roça”. Tanto que, formada pela prestigiosa Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAU), ela cuidou pessoalmente do desenho arquitetônico para a capela do cemitério de Pradópolis. Neste exercício profissional afetuoso, também responsabilizou-se pelo conjunto de piscinas da fazenda São Martinho e o do Hotel de Pradópolis, todos em 1968. Atuando na área a partir de 1965 com escritório próprio, em uma sala à Rua da Consolação, 2.514,

integrou a Equipe Ipameri, realizando diversos outros projetos em São Paulo e em Minas Gerais.

Amor à primeira vista

O interesse de Marta Rossetti por Anita Malfatti, a precursora do modernismo brasileiro, que tanta polêmica suscitou, vem de longe. Aliás, poucos artistas tiveram sua vida e obra esquadrihados com tanta obstinação quanto Anita por Marta, que revisitou suas diferentes fases de maior ou menor criatividade. Na orelha do livro *Anita Malfatti no tempo e no espaço*, Aracy Amaral ressaltou que a intimidade necessária para se decodificar a caligrafia pictórica e gráfica da pintora foi palmilhada por Marta desde seus primórdios, a ponto de não se poder falar em uma sem mencionar a outra.

Discípula de Flávio Motta, com bolsa de iniciação científica concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), em 1964, Marta integrou a equipe que executava o levantamento bio-bibliográfico e documentação da obra de diversos artistas do movimento modernista. A ela coube estudar Anita, que chegou a conhecer no último ano de vida da pintora.

Sempre delicada e gentil, uma velhinha magra e muitas vezes adoentada, Anita Malfatti concordou em abrir o seu acervo, permitindo-me manipular obras e documentos no apartamento em que vivia, na Alameda Eduardo Prado, e em sua chácara de Diadema, onde passava temporadas.

escreveu Marta Rossetti na apresentação de *Cartas a Anita Malfatti*. Ela relata que ali, entre maços de recortes de jornal, fotografias, catálogos, cadernos manuscritos, não encontrou ainda o que tanto buscava. Por enquanto, a correspondência remetida por Mário de Andrade ficaria longe da curiosidade do público. Paciente, Marta fez uma pausa, coordenando pesquisas sobre arte brasileira no Departamento de História da FAU, cuja monografia depositou na biblioteca daquela Faculdade. De acordo com Aracy Amaral, ela cumpria à risca o roteiro imprescindível para legar às futuras gerações de estudiosos, colecionadores ou comerciantes de arte, uma percepção real do artista focalizado.

Para Marta Rossetti a pesquisa universitária pautaria uma vocação e se converteria em compromisso de vida profissional, marcando uma das mais relevantes contribuições à historiografia artística brasileira.

Matriculada na pós-graduação da USP, escolheu matérias ligadas à sociologia da urbanização, passando depois às que tratavam das artes em suas variadas manifestações, do barroco mineiro aos aspectos do desenvolvimento artístico na década de 1930-40, do romantismo ao modernismo antes de 1922. Só que àquela altura Marta já tinha sido capturada pelos olhos vivazes e atenciosos de Anita, que parecia admirada e feliz assistindo ao movimento dos alunos à sua volta como abelhas em torno da colméia. Por isso, após a morte da pintora, continuou em contato com a família, especialmente com a irmã, Georgina. É preciso lembrar que, como museóloga, em 1969 Marta já se havia tornado, com Yone Soares de Lima, encarregada da Coleção Mário de Andrade do IEB (Instituto de Estudos Brasileiros), envolvendo-se na identificação, catalogação e documentação das obras para exibição e visitas educativas. Assim, ao longo da década de 1970, foi curadora de diversas exposições. *Recôncavo bahiano*, fotográfica, precedeu *Mário de Andrade e o folclore nacional*. Os quarenta anos da Semana de Arte Moderna seriam comemorados com *Brasil – 1º tempo modernista, 1917/29*, realizada em equipe para o Ministério das Relações Exteriores, com a colaboração da Secretaria de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo. Com vinte painéis de acrílico com a parte iconográfica, 3 programas gravados e uma coleção de imagens das obras mais representativas do período, foi inaugurada em Paris, no dia 18 de maio de 1972, na Galeria Debret, com a presença do embaixador brasileiro e do então diretor do IEB, José Aderaldo Castello. As cópias entregues ao governo percorreram vários países da Europa e da América Latina, enquanto outras réplicas chegavam a inúmeras universidades brasileiras. Em virtude do interesse suscitado, a versão do próprio IEB, apresentada em 1974 na Biblioteca Municipal de São Paulo, foi multiplicada para continuar divulgando e explicando o modernismo.

Três anos mais tarde, com a colaboração de Georgina Malfatti, Marta concluiu a pesquisa para produzir *Anita Malfatti (1889-1964)*. Montada no Museu de Arte Contemporânea da USP, em 1977, a retrospectiva da artista receberia da Associação Paulista de Críticos de Arte o prêmio de melhor do ano. Como ocorrera nas mostras anteriores, esta também fez-se acompanhar de artigos de Marta Rossetti nos cadernos de cultura dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, bem como de seus respectivos catálogos. *Brasil – 1º tempo modernista, 1917/29*, por exemplo, escrito em parceria com Telê Porto Ancona Lopez e Yone Soares de Lima, foi ampliado para uma alentada publicação de 468 páginas. Repleta de ilustrações, com textos referentes a arquitetura, artes plásticas, literatura e música, além dos programas da Semana de 22, aproveitava o percurso original da

exposição, que traçava um painel de época por meio de documentos levantados em periódicos, nos recortes colecionados por Mário de Andrade, nos folhetos, fotografias e opúsculos. Como a maioria deles revelou-se inédita, surgiu a idéia de compilá-los em um volume que se converteria em um inestimável instrumento de estudo para os historiadores da arte. Pouco depois, em 1980, graças à experiência acumulada, Marta assumiria a supervisão da Coleção de Artes Visuais do IEB, onde logo em seguida assinará a curadoria de *Recados para Mário de Andrade*.

Quando a própria Georgina Malfatti veio a falecer, e antes que desmontassem a residência da Alameda Eduardo Prado, em que moravam, Marta contou com a ajuda da sobrinha de Anita, Bety Malfatti para persistir naquela viagem de reconstituição biográfica. Como uma arqueóloga trabalhando contra o relógio, por semanas sucessivas vasculhou armários, prateleiras e baús, já selecionando o material a ser preservado, enquanto mergulhava à procura de obras e documentos inéditos. Pôde então ter o gostinho do triunfo ao ler, ainda que de forma quase clandestina, as cartas de Mário a Anita localizadas em um pacote bem guardado. Para os familiares, ainda não chegara a hora de levá-las a público, mas a amizade com as cinco sobrinhas da pintora, herdeiras do seu acervo e arquivos, prevaleceu. Com o vasto e rico material recolhido Marta apresentou em 1980 à Escola de Comunicações e Artes da USP, *Anita Malfatti e o início da arte moderna no Brasil*, dissertação de mestrado que, acrescida de revisão e notas, sairia em 1986 como *Anita Malfatti no tempo e no espaço*. Patrocinada pela IBM Brasil, permaneceria como uma edição luxuosa fora do comércio, inacessível aos estudantes e pesquisadores por vinte anos, ou melhor, até 2006, quando foi relançada pela Editora 34 em parceria com a Edusp.

Antes disso, porém, Marta ainda obteria dois trunfos de suma importância tanto para sua carreira quanto para a comunidade acadêmica. É que, em conversas com as Malfatti, cada vez mais satisfeitas ao verem o nome da tia ressurgir no panorama artístico, Marta retomava o assunto, insistindo na publicação das cartas de Mário a Anita. Finalmente, em um encontro preparatório das comemorações do centenário de nascimento da pintora, as cinco tomaram duas notáveis decisões. Além de permitir a edição da correspondência, resolveram doar o *corpus* documental de Anita ao IEB. “De imediato e sem restrições, com uma confiança que me comoveu, entregaram-me o Arquivo, para que o organizasse junto ao Instituto, e as cartas, para que preparasse sua edição”. Dele resultou o livro *Cartas a Anita Malfatti*, lançado pela Forense Universitária em 1989, com notas e referências bibliográficas escritas por Marta. Testemunho de uma duradoura relação, capaz de deixar marcas significativas

na vida de ambos, as 32 cartas manuscritas ou datilografadas, vários poemas e o texto *No ateliê* revelam não apenas as intenções mais íntimas e os processos de criação de cada um deles, como também condensam dados valiosos para compreendermos as artes brasileiras e suas transformações ao longo do século XX. Segundo esclarece Marta na introdução,

se nelas o escritor se refere às suas atividades e a seus trabalhos, se dá notícias sobre os acontecimentos artísticos da Paulicéia – muitas vezes sobre os pintores e escultores modernistas – seu foco de interesse é outro: dedica-as à sua amizade por Anita Malfatti.

Museóloga

Aprovada em concurso, Marta Rossetti já se tornara, desde 1969, pesquisadora integral do IEB, ao qual permaneceria ligada até o fim da vida. Incansável, entre fins de 1970 e meados dos anos 1980, Marta envolveu-se em uma série de iniciativas, incluindo *O Salão Revolucionário de 1931*, *As artes plásticas em São Paulo - 1910/19*, *As Exposições Brasileiras de Belas Artes*, *John Graz e a arte suíça* e *A escultora Adriana Janacópulos*. No setor de artes visuais do IEB, desenvolveu, individualmente ou em equipe, pesquisas relativas à história da arte no Brasil. Também assessorou e prestou consultoria a instituições nas áreas da sua especialidade. Para o Museu da Casa Brasileira, por exemplo, esteve à frente dos esforços que resultariam na mostra *A arte em São Paulo na Primeira República (pintura e escultura)*, em novembro de 1980.

Passados dois anos, retomaria a exposição feita para a FUNARTE com *Semana de Arte Moderna - 60 anos. Mostra documental*, que da Galeria Rodrigo Melo Franco de Andrade, no Rio de Janeiro, viajaria para diversas cidades do país. Junto ao Departamento de Patrimônio Histórico (DPH) da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, coordenou em 1984 as equipes de *Bandeiras de Brecheret: história de um monumento*, exibida na praça na qual se encontra a escultura de granito, no parque do Ibirapuera. Com painéis explicativos, resgatando o processo inteiro da obra, da gestação à inauguração, revelando as técnicas e os demais elementos envolvidos, vistos no contraplano do contexto da cidade, transformou-se em um livro homônimo, acrescido de 10 páginas registrando o evento *in loco*. Ainda para o mesmo DPH, conceberia a *São Paulo no tempo do IV Centenário*, em 1984. Quatro anos depois, no CONDEPHAT/Associação

Pró Parque Modernista, Marta faria parte do grupo que planejou o uso público da Casa Modernista, concebida em 1929 pelo arquiteto ucraniano brasileiro Gregori Warchavchik.

Meses antes, com os dados que minuciosamente recolhera em museus, bibliotecas e arquivos de Paris, defendera em 1987 a tese de doutorado na Escola de Comunicações e Artes da USP. Sob orientação do Prof. Wolfgang Pfeiffer, apresentou *Os artistas brasileiros na Escola de Paris: anos 20*. Em 2 grossos volumes de 629 páginas datilografadas, analisa o meio artístico, o mercado, os salões, as Academias, ateliês, cafés e as colônias latino-americanas que aportavam à Cidade-Luz na chamada *folle époque*. Os personagens cujos passos Marta seguiu como um detetive pelos arquivos franceses, foram divididos em dois grupos distintos. No primeiro, encontram-se os que se educaram em Paris como Adriana Janacópulos, Toledo Piza, Silva Bruhns e José de Andrade. Vieram então os que lá chegaram entre 1921 e 1923, a exemplo de Victor Brecheret, Rego Monteiro, Joaquim, Gomide, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Anita Malfatti e Celso Antônio. Contribuição seminal para entendermos os desdobramentos das artes plásticas e da música brasileira por meio dos seus artistas em contato com as vanguardas parisienses, a tese não chegou a sair em forma de livro, embora seja continuamente consultada nas bibliotecas da USP. Sua publicação era uma das metas de Marta Rossetti, que no entanto alegava a necessidade de voltar às fontes francesas para atualizar as informações lá recolhidas. Como sabemos, para ela, a exigência intelectual falava mais alto do que a vaidade de ver mais um texto seu lançado no mercado. Nesse intervalo Marta Rossetti concentrou-se na descrição das coleções do IEB, englobando arquivo, biblioteca e artes visuais, dedicando-se ao pintor Di Cavalcanti, ligado às manifestações pioneiras de “arte social” no início dos anos 1930. Dessas ações resultaram, como sempre, detalhados catálogos que não apenas preservam a memória de um momento como se convertem em preciosas ferramentas de pesquisa para os estudiosos dos assuntos abordados.

E já em 1992, lá estava Marta de novo no grupo Ricardo Ramos, em torno das comemorações dos centenários de Graciliano Ramos, de Menotti del Picchia e dos 70 anos da Semana de Arte Moderna, em parceria com a Secretaria de Estado da Cultura.

Administradora

Quem via Marta Rossetti entrar e sair do IEB, ainda instalado nos prédios da Colméia, antes de se mudar para a sede

especialmente construída para receber o Instituto, percebia que aquela era a sua segunda casa. No IEB, Marta participava de quase tudo. Integrou a redação da revista e a comissão criada para avaliar a situação e propor um regimento para o arquivo e para a Coleção Mário de Andrade. Estava no grupo encarregado da elaboração de um vídeo sobre o IEB por ocasião dos seus 25 anos, na descrição do *Guia dos Acervos* do Instituto. Coordenou as comissões de Patrimônio Cultural da USP, das celebrações da morte de Zumbi em 1995, dos Acervos Notórios da Universidade de São Paulo em 1996, dos 90 anos da imigração japonesa para o Brasil e do Grupo de Trabalho para análise das propostas de criação do Museu de Ciências da USP, Museu de Anatomia e Parque de Ciências da Terra e do Universo, em maio 1998.

Em meio a todas estas atividades, freqüentava congressos, simpósios, encontros e colóquios nacionais e internacionais, invariavelmente ligados à questão do patrimônio histórico, arquitetônico, artístico e cultural. Também tomava parte de bancas examinadoras de doutorados e mestrados na USP e na Pontifícia Universidade Católica (PUC), integrando ainda, a ANPAP (Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas), o COREM (Conselho Regional de Museologia) e o CBHA (Comitê Brasileiro de História da Arte). Mas não foi só. Marta estruturou um curso de extensão cultural no Museu de Arte Contemporânea da USP, em 1990, e outros, de graduação ou difusão no próprio IEB sobre o pintor Lasar Segall, o modernismo brasileiro, Mário de Andrade, Brecheret, Wilhelm Haarberg, Antônio Garcia Moya e ainda, sobre uma nova doação, ao acervo do IEB, da coleção Bernardino Ficarelli.

Entre 1972 e fins da década de 1990, foram dezenas de seminários, conferências e aulas. Os temas iam das vanguardas européias nas artes plásticas a Anita Malfatti e a arte norte-americana, passando por John Graz, pela transição para o modernismo nos anos 10 até as repercussões do expressionismo no modernismo brasileiro. Incluíam, ainda, uma reflexão sobre a arte sacra na Coleção Mário de Andrade, o Projeto Flávio Império e a mesa redonda *As mulheres no IEB*, no simpósio “Cidadania, trabalho feminino e globalização”, realizado em outubro de 1997.

A militância acadêmica dentro do IEB acabaria levando Marta à vice-diretoria do Instituto de 1990 a 1994, quando aprofundou-se nos meandros da burocracia administrativa, colaborando no planejamento dos orçamentos da instituição. Sem receio de enfrentar planilhas e formulários de extrema complexidade, ela ajudou a obter, no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), verbas a serem aplicadas na construção da nova sede do IEB, bem como para a implantação do seu Labo-

ratório de Conservação e Restauro. Afinal tornou-se, ela própria, diretora do IEB de junho de 1994 a junho de 1996, sendo reconduzida ao cargo até 1998. Na sua gestão, assumiu os projetos da FAPESP I a III, de implantação de sistemas de conservação e proteção dos acervos do IEB, de modernização da infra-estrutura de pesquisa, informatização através de Rede e Banco de Dados, ampliação da Biblioteca e preservação da Coleção de Artes Visuais. Esta, que abriga um dos mais representativos conjuntos, reunido por Mário de Andrade, pode ser conferida no catálogo publicado pelo IEB em 1998.

Além da FAPESP, que ainda apoiou a publicação do *Abc do IEB: guia geral do acervo* e ainda o “Seminário Internacional sobre arquivos pessoais”, Marta contou com a colaboração da VITAE para o armazenamento e iluminação da Coleção de Artes Visuais do IEB, entre 1996 e 1997.

Mais recentemente, a partir de objetos reunidos pelo escritor no seu afã de entender o desenvolvimento da cultura brasileira, ela organizou a mostra *Coleção Mário de Andrade. Religião e magia. Música e dança. Cotidiano*. Apresentada entre setembro de 2004 e janeiro de 2005, mereceu um catálogo ilustrado de 446 páginas, lançado pela Edusp/Imesp. Devidamente identificadas, documentadas e contextualizadas, as peças foram selecionadas por seu valor estético ou etnográfico e documental. De acordo com Marta, elas configuram “pedaços de Brasil”, por meio dos quais o colecionador investigava a produção artística do nosso povo. Além da imaginária católica, muito presente, encontram-se objetos criados por santeiros regionais, ao lado do repertório das culturas indígena e negra, formadoras da etnia brasileira. Este volume da “Uspiana Brasil 500 anos”, por ela coordenada, cumpre o papel de divulgar acervos da Universidade de São Paulo e, sobretudo, da porção ainda inédita da Coleção Mário de Andrade, declarada patrimônio nacional pelo IPHAN em 1995.

Após montar no IEB *Anita Malfatti gravadora – uma recuperação*, entre dezembro de 2005 a abril 2006, com tiragens póstumas de gravuras da artista, Marta finalizou a organização do Acervo Anita Malfatti para, em seguida, lançar *Anita Malfatti no tempo e no espaço*. O primeiro volume, como já se disse, traça o perfil da pintora no contexto da sua produção. Está dividido em “Conquistas”, “Dúvidas” e “A paz”, complementado por introdução, cronologia e índice onomástico. Já o catálogo reúne mais de 1300 obras entre óleos, pastéis, aquarelas, gravuras e desenhos, todos com as respectivas imagens. Meticulosa, ela não se conformou em trazer apenas o registro de títulos, medidas, técnica e datas, mas incluiu também comentários, observações, mudanças de percursos, preferências, elementos recorrentes e

outros pormenores fundamentais para os historiadores, críticos, pesquisadores e colecionadores de arte. Como bem lembrou Maria Izabel Branco Ribeiro na orelha do volume dois, para além de elencar os elementos que podem trazer a chave para o entendimento de pontos obscuros ou inacessíveis, a tarefa de catalogação implica a busca por anotações originais, esboços ou rabiscos de punho do artista, para iluminar relações entre aspectos menos compreensíveis. Por isso, Marta complementou-o com uma lista de exposições de Malfatti, uma alentada bibliografia e uma lista, por ordem cronológica, de todos os artigos em periódicos escritos sobre ela de 1914 a 2004. Por último, lá está o rol das correspondências passivas e ativas de Anita nas coleções do IEB e em mãos de particulares, ao lado de uma bibliografia sobre as épocas em que a pintora viveu em São Paulo, Berlim, Nova Iorque e Paris.

A feliz combinação de curiosidade intelectual, sólida base teórica e fôlego para o trabalho de campo faziam de Marta uma pesquisadora de primeira. Seu legado permanece na obra e nos inúmeros discípulos que deixou, dentre os quais orgulhosamente me incluo. Tive a sorte de tê-la na minha banca de doutorado e, alguns anos mais tarde, como supervisora acadêmica no pós-doutorado junto ao IEB. Eu, biógrafa de Monteiro Lobato e Marta, de Anita Malfatti. Como era praxe com todos que a cercavam, entre nós cresceu respeito mútuo e, acima de tudo, carinho e amizade. Sem mistificação e, muito menos, qualquer sombra de paranóia...